

ABORDAGEM HUMANIZADA NO JORNALISMO: O CASO FOFÃO DA AUGUSTA

WILMA DE ARAUJO SILVA¹; SILVIA PORTO MEIRELLES LEITE²

¹*Universidade Federal de Pelotas – wilmaaraaujo2010@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o texto jornalístico intitulado “Fofão da Augusta: quem me chama assim não me conhece”¹, buscando identificar como o personagem principal é apresentado. A partir dessa reflexão, uma das possíveis contribuições do trabalho é apresentar a abordagem humanizada como uma possibilidade para transformar os modos de produção jornalísticos.

Para começar as reflexões sobre a abordagem humanizada, utilizamos como principal embasamento teórico os pensamentos de Cremilda Medina e Jorge Ijuim, que dedicaram suas pesquisas à compreensão do tema. Pode-se dizer que no jornalismo contemporâneo “falta à narrativa redigida por fórmulas o toque mágico da comunicação humana” (MEDINA, 2003, p. 85). Seguindo as reflexões de Ijuim (2009), podemos configurar a abordagem e o jornalismo humanizados como uma prática que trata o ser humano como ponto de partida e de chegada dos fazeres jornalísticos. Além disso, o autor destaca também que no trabalho de abordagem humanizada o jornalista respeita a diversidade, não faz julgamentos e não trata com preconceito os personagens.

Ao discorrer sobre o jornalismo humanizado, Ijuim (2008, 2013, 2014, 2017) defende que é possível incluir à fórmula comum do lide jornalístico, “3Q CO PQ (Quê, Quem, Quando, Como, Onde e Por quê?), [...] uma questão fundamental: em que contexto?” (IJUIM, 2013, p.39). Em síntese, o jornalismo humanizado permite ao jornalista produzir a partir de uma visão contextual e ampla em relação ao mundo.

Podemos interpretar que um dos objetivos da abordagem humanizada é compreender além do fato noticiado, deixando em “evidência a importância do aprofundamento da realidade contemporânea” (MEDINA, 2008, p. 80). Sendo assim, ao utilizar a abordagem humanizada, o emissor recorre às técnicas jornalísticas para se aprofundar no acontecimento.

Para tentar compreender de que maneira a abordagem humanizada pode contribuir para as narrativas jornalísticas, escolhemos uma reportagem que se aproxima das definições acima apontadas. O texto “Fofão da Augusta: quem me chama assim não me conhece” foi publicado em 27 de outubro de 2017, no portal BuzzFeed e conta a história de vida do artista de rua conhecido como Fofão da Augusta.

A escolha da reportagem foi intencional, porque acreditamos que tenha sido produzida de acordo com os princípios da abordagem humanizada, além de possuir características interessantes para análise proposta neste trabalho e por ter alcançado grande repercussão midiática quando publicada. Sendo assim, a reportagem será analisada a partir do Estudo de Caso, estratégia de pesquisa proposta por Yin (2001).

¹ https://www.buzzfeed.com/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece?utm_term=.vjEENARnD1#.caApgkaDm1

2. METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo do trabalho, utilizaremos como fundamentação teórico-metodológica o Estudo de Caso, proposto por Yin (2001). Segundo o autor, podemos definir o Estudo de Caso como uma estratégia que “lida [...] com o planejamento, a análise e a exposição de ideias” (YIN, 2001, p. 20), e que segue o propósito de estabelecer debate e discussão entre os estudantes. Além disso, os estudos de caso buscam compreender fenômenos contemporâneos, dentro de seu contexto, a partir da análise de características gerais e significativas da vida real.

Para a coleta de dados da pesquisa, foram definidas as seguintes categorias de análise: a) apresentação dos personagens no texto, b) a relação do jornalista com as fontes e c) a contextualização dos acontecimentos. Entretanto, para este trabalho, nos atentaremos apenas para análise da primeira categoria, já que o objetivo é compreender como o personagem central é apresentado na reportagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados, pode-se observar que o personagem central, Ricardo Corrêa da Silva (o Fofão da Augusta), foi descrito com riqueza de detalhes e com sensibilidade que pode causar no leitor a sensação de proximidade. Durante todo o texto, o personagem que por vezes era tratado como invisível nas ruas ganha atenção total e torna-se o ponto de partida e de chegada da reportagem, que dedica-se exclusivamente para sua história de vida.

Os primeiros parágrafos da reportagem são destinados à apresentação de características físicas, psicológicas e comportamentais do personagem. Ao descrevê-lo, o repórter destaca:

Da primeira vez que eu o vi, na rua Augusta, uns 12 anos atrás, era como se eu estivesse diante do Homem Elefante do filme de David Lynch. Já havia ouvido histórias sobre como ele era violento, sobretudo com quem o chamava pelo apelido, que detestava. Com o tempo, o susto se transformou em curiosidade e, cada vez que eu cruzava com ele, passei a acenar. Ele sempre cumprimentou de volta.

Fofão é reconhecido como uma espécie de lenda urbana em São Paulo e ganhou destaque diante de sua aparência singular. A tabela abaixo apresenta as características principais citadas ao longo do texto.

Tabela 1: Características dos Personagens

Características físicas	Outras características
"Há alguma substância sob a pele do seu rosto que faz sua cabeça parecer duas vezes maior"	Nome: Ricardo Corrêa da Silva
Pele esticada na testa e flácida nas bochechas	Apelido: Fofão da Augusta
Papada	Morador e artista de rua
Nariz Fino	59 anos
Boca artificialmente carnuda	Famoso nas redes sociais
Cabelo tingido de loiro, corte Chanel, na altura do queixo	Fala francês, inglês e italiano
	Cabelereiro e Maquiador

	Gay
	Esquizofrênico

Os resultados encontrados nas análises podem ser relacionados também com os pensamentos de Medina (2008), nos quais a autora define que “os comunicadores, produtores das narrativas da contemporaneidade, são parceiros [...] na dialogia dos diferentes, dos opositores, dos que carecem de voz...” (MEDINA, 2008, p. 85). Ricardo pode ser considerado um personagem que carece de voz. Além de ser morador de rua, ele também era gay, foi diagnosticado com esquizofrenia e também era garoto de programa, o que o fez ser tratado com indiferença muitas vezes. Mas nem sempre foi assim:

“Ricardo não chegou a São Paulo como um morador de rua. Chegou em 1978 com uma mão na frente e outra atrás, aos 21 anos, mas logo conseguiu empregar as duas mãos num trabalho que lhe deu dinheiro e renome. A versão que corre entre mais de dez cabeleireiros do centro com quem eu conversei é que ele foi uma estrela do bairro nos anos 1980.”

4. CONCLUSÕES

Ao ser apresentado como personagem central, Ricardo é descrito a partir de uma “mediação que orquestra a voz coletiva” (MEDINA, 2014, p. 17) e torna-se um dos “diferentes” que ganha voz diante das linhas do texto humanizado. Ao se dedicar, durante quatro meses, para a história de Ricardo, o jornalista relaciona diretamente com suas fontes, torna a comunicação social efetiva e passa a compreender melhor o fato. Então, para uma abordagem humanizada no jornalismo, é preciso que o relacionamento entre jornalista e suas fontes aconteça de maneira contextual e sensível e que o profissional tenha a habilidade de se colocar no lugar do outro.

Além dessas reflexões, o trabalho possibilita também novas pesquisas. Os próximos passos caminham para as análises entre a relação do jornalista com as fontes e a contextualização dos acontecimentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fofão da Augusta: quem me chama assim não me conhece. El País. 24 jul. 2017. Acesso em 26 mai. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/24/opinion/1500906089_804382.html

IJUIM, Jorge Kanehide; SUIJKERBUIJK, Herma Aafke e SCHMIDIT, Laureane de Queiroz. **Jornalismo: entre o objetivo e o subjetivo.** Estudos em jornalismo e Mídia, Ano V, n 1, 2008. Acesso em 03 de fevereiro de 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p137/10229> >

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas:** um roteiro de viagem. Covilhã, UBI, LabCom. 2013.

_____. **O real e o poético na narrativa jornalística.** BOCC. 2014. Acesso em 14 de abril de 2018. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-real-poetico-narrativa-journalistica.pdf> >

_____. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. Verso e Reverso. Unisinos, vol. 31, n. 78, 2017.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. Summus Editorial, 2003.

_____. **Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade**. Matrizes [online] 2008, ano 2. Acessado em 23 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143012788004>

_____. **Narrativas da Contemporaneidade**: Epistemologia do Diálogo Social. Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 2, n. 4, p. 8-22, dez. 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. Edição. Porto Alegre, Bookman, 2001.